

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Marília Rubia Silva

INTRODUÇÃO

Este estudo retrata considerações sobre a educação e a docência no ensino superior, expondo a situação atual de ambas, a postura profissional dos docentes e a prática pedagógica, a partir de pesquisas já desenvolvidas. Busca mostrar que há uma necessidade de transformação nos protagonistas da aprendizagem – docente e discente, a fim de se tornarem corresponsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem. Através de estudos voltados à aprendizagem, se demonstra a urgência na atualização da prática pedagógica.

A educação atual encontra-se presa a modelos de ensino elaborados por e para uma sociedade que não existe mais. A evolução da sociedade trouxe à tona todas as mazelas existentes em um sistema educacional que não corresponde, em velocidade e dinamismo, ao que se espera de uma escola hoje.

Faltam práticas pedagógicas e profissionais que consigam alinhar os problemas encontrados às soluções propostas por uma parcela já considerável de educandos que desejam a atualização de currículos e métodos.

Em contraponto, faz-se necessário um equilíbrio de responsabilidades e deveres atribuídos à escola de hoje. Essa mesma sociedade que cobra uma reformulação educacional, coloca uma sobrecarga de compromissos aos docentes e à escola.

Paralelamente a isso, no século XXI, a Aprendizagem torna-se o novo foco do ensino e vem como resposta aos problemas mais corriqueiros do cotidiano escolar. Ter como foco a assimilação do conhecimento rompe de uma vez com o molde antigo de aula, onde o conhecimento era apenas transmitido ao discente.

ANÁLISE PRESENTE DA EDUCAÇÃO

Com o passar dos anos, problemas sociais e comportamentais foram inseridos nas instituições de ensino pela sociedade. Hoje a escola vive um acúmulo de funções e responsabilidades.

Como analisou António Nóvoa (2007, p.06) “É preciso combater esse transbordamento. Tudo é importante, desde que não se esqueça que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos.”

Uma das questões que geraram essa transmissão de responsabilidades à escola foi por parte da pedagogia moderna. Esta rompeu o conceito da pedagogia tradicional, onde o centro era no conhecimento, e transformou o aluno como o destaque da nova pedagogia.

Tendo o aluno como centro, tudo o que envolve o seu desenvolvimento no conhecimento, incluindo as questões sociais e comportamentais, tornaram-se diretrizes da escola. Nos dias atuais faz-se necessário uma atualização desses conceitos. O novo objetivo contemporâneo das escolas deve ser na aprendizagem do aluno.

De acordo com o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa a aprendizagem é definida como “ação de aprender; aprendizado (...)” e aprender é definido como “adquirir conhecimento de, ficar sabendo, instruir-se (...)”. A aprendizagem deve ser enriquecida com as ciências mais estimulantes do século XXI. (NÓVOA, 2007, p.07).

Não se pode deixar o ensino amarrado aos moldes antigos. A escola tem que evoluir em suas práticas assim como toda a sociedade evoluiu. A inserção dos novos conhecimentos científicos e culturais só trará mais riqueza de métodos e práticas.

Uma das questões que Nóvoa (2007, p.07) destaca é a necessidade de separação do espaço de ensino e do espaço público de ensino.

Há a necessidade real da sociedade, das famílias, dos grupos culturais, das empresas e da comunidade científica em se envolver com toda a escola e dividir as responsabilidades na formação desse aluno.

Também é de grande importância que se crie um “patamar comum do conhecimento” onde todos os alunos sejam inclusos. E, para que esse patamar seja criado e mantido,

deverá existir sempre, em uma escola voltada para a aprendizagem, a avaliação de resultados. (NÓVOA, 2007, p.08)

No campo da docência do ensino superior, a avaliação de resultados é mensurada pelo desempenho dos alunos em provão. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.153).

Talvez em decorrência desses fatores, ainda predominam na organização universitária currículos organizados por justaposição de disciplinas e a figura do professor transmissor de conteúdos curriculares, que, a despeito de serem tomados como verdadeiros e inquestionáveis, muitas vezes são fragmentados, desarticulados, não significativos para o aluno, para o momento histórico, para os problemas que a realidade apresenta. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.154).

Segundo Pimenta e Anastasiou (2002), a avaliação do ensino superior conta com vários indicadores, sendo eles:

- resultados de provão;
- indicadores do estado-da-arte da área;
- condições do curso – organização didático-pedagógica, instalações, qualificação docente e biblioteca;
- indicadores relacionados, a cada curso, por uma comissão de especialistas indicados pelo MEC.

PRÁTICAS DOCENTES E NOVOS DESAFIOS

Conforme afirma Nóvoa (2007, p.02):

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção da aprendizagem, mas também no desenvolvimento de processos de integração que respondam aos desafios da diversidade e de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.

Dessa maneira, é necessária uma reestruturação da profissão docente. Além dos métodos e teorias, a prática deve ser revista e atualizada.

“A meta de uma profissão, segundo ele, é a realização de serviço, envolvendo propósitos sociais e responsabilidades técnicas e morais.” (SHULMAN apud MIZUKAMI, 2004, p.09).

A prática da profissão é um resultado do conhecimento aplicado somado ao criticismo do mesmo e aos contextos diversos que essa prática será desenvolvida.

Um processo de julgamento (que incorpora também dimensões técnicas e morais) intervém entre o conhecimento e sua aplicação, julgamento esse que liga termos universais da teoria com as particularidades de práticas situadas. (MIZUKAMI, 2004, p.09).

A amnésia de conteúdo, a ilusão da aprendizagem e a falta de uso do que foi aprendido são os três desafios que Shulman considera centrais para os processos de formação de docentes. Os princípios, formas e estratégias necessários ao enfrentamento e superação desses desafios profissionais são a atividade, a reflexão, a colaboração, a paixão e a comunidade. (MIZUKAMI, 2004, p.09).

A profissão necessita de uma estrutura composta nas experiências, rica em dados e documentação da aplicação de métodos e práticas por parte dos docentes. Professores reflexivos são aqueles que pensam e questionam suas atividades diariamente.

Uma estrutura de casos vivenciados e partilhados entre os profissionais cria uma memória coletiva de dados que dará assistência para essa reflexão.

A maioria das outras profissões já estrutura seu conhecimento clínico em termos de alguma espécie de formato de casos, tanto para documentação da prática, quanto para a organização do ensino. Os casos têm sua função quando se lida com raciocínio, discurso e memória profissional. (SHULMAN apud MIZUKAMI, 2004, p.10).

Quando você usa um estudo de caso para a reflexão, cria novas ramificações para aquela prática; analisando e buscando respostas, mobilizando conhecimentos, vontades e competências. (NÓVOA, 2007.)

Pela minha parte, advogo um sistema semelhante [hospital-escola] para a formação de professores; estudo aprofundado de cada caso, sobretudo dos casos de insucessos escolar; análise coletiva das práticas pedagógicas; obstinação e persistência profissional para responder as necessidades e anseios dos alunos; compromisso social e vontade de mudança. (NÓVOA, 2007, p.06).

Mizukami (2004, p.11) destaca também uma posição de Shulman sobre as discussões e estudos de casos:

Essa discussão mais ampla é feita pelo autor de duas formas: a primeira consiste na apresentação dos casos a professores iniciantes e posterior discussão; a segunda, em publicação de um livro de casos, organizado por categorias, de forma que cada grupo de futuros professores deixe seu legado para aqueles que os seguirão. Dessa forma, começa a ser sistematizada e codificada uma literatura de casos específicas para disciplinas escolares.

Na profissão docente encontramos também alguns paradoxos que engessam algumas práticas contemporâneas. Um deles, citado por Nóvoa (2007, p.12), é considerado por ele um dos motivos que fragilizam o estatuto profissional:

Há um paradoxo entre o excesso das missões da escola, o excesso de pedidos que a sociedade nos faz e, ao mesmo tempo, uma cada vez maior fragilidade do estatuto docente. Os professores têm perdido o prestígio, a profissão docente é mais frágil hoje do que era há alguns anos.

De acordo com José M. Esteve, os docentes assumiram mais responsabilidades, além de lecionar, no que diz respeito ao aluno. Além do ensino, ele tem que cuidar, por exemplo, do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social, etc.

Apesar de se exigir que os professores cumpram todas estas novas tarefas, é interessante observar que não houve mudanças significativas na formação dos professores. (...) Como resultado deste aumento das exigências em relação aos professores, produziu-se um aumento de confusão respeitante às competências de que o professor necessita para exercer a complexa função que se lhe atribui (GOBLE; PORTER apud ESTEVE, 1995, p.100).

O professor precisa aprender a equilibrar as reais responsabilidades que deve ter em relação ao aluno com toda a demanda que a sociedade inseriu na escola, na educação.

Assim, encontramos-nos perante a exigência social de que o professor desempenhe um papel de amigo, de companheiro e de apoio ao desenvolvimento do aluno, o que é incompatível com as funções seletivas e avaliadoras que também lhe pertencem. O desenvolvimento da autonomia de cada aluno pode ser incompatível com a exigência da integração social, quando esta implica o predomínio das regras do grupo, ou quando a instituição escolar funciona de acordo com certas lógicas sociais, políticas ou econômicas. (ESTEVE, 1995, p.103).

O autor José M. Esteve ainda destaca um pensamento do político e ex-primeiro-ministro francês Edgar Faure, no relatório “Aprender a Ser”, elaborado para a UNESCO, em 1972:

Pela primeira vez na história, a sociedade não pede aos educadores que preparem as novas gerações para responder às necessidades atuais, mas para fazer frente às exigências de uma sociedade futura, que ainda não existe.

APRENDIZAGEM: NOVO FOCO NA EDUCAÇÃO

Segundo Isabel Alarcão (2003, p.09) “A aprendizagem é um processo transformador da experiência no decorrer do qual se dá a construção de saber.”.

Para esta autora, o processo de aprendizagem se divide em quatro fases, sendo elas: experiência concreta; observação reflexiva; conceptualização; experimentação ativa. “Por processos de observação e reflexão, a experiência é analisada e conceptualizada.” (ALARCÃO, 2003, p.09).

Alarcão (2003, p.16) ainda destaca que “não há conhecimento sem aprendizagem. E que a informação, sendo uma condição necessária para o conhecimento, não é condição suficiente.”.

Diante das mudanças do foco do ensino, iniciados em Rousseau e aprofundados na Nova Escola, onde o aluno, com seus interesses e atividades, virou o centro da educação e o professor, orientador e organizador, a aprendizagem tornou-se o foco.

“Uma escola focada na aprendizagem deve ser um local onde as crianças aprendem a estudar, aprendem a trabalhar.” (NÓVOA, 2007, p.10).

O educador António Nóvoa defende que uma instituição de ensino que se propõe a voltar os holofotes para a aprendizagem, ensina seu aluno a trabalhar em equipe, com trabalho cooperativo, ou sozinho, com sua autonomia conquistada.

Assim, o verbo ensinar contém uma utilização intencional – a intenção da aprendizagem – que nem sempre vem acompanhada da obtenção de

meta – a efetiva ocorrência da aprendizagem por parte do aprendiz. (cf. Sheffler, 1974). Na ensinagem, a ação de ensinar é definida na relação com a ação de aprender, pois, para além da meta que revela a intencionalidade, o ensino desencadeia necessariamente a ação de aprender. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.205).

Não há aprendizagem sem a intenção de passar o conhecimento com objetividade por parte do educador. O aluno também deve ter em si a vontade de fazer esse processo do conhecimento.

Definindo a relação entre o ensino docente e o aprendizado do aluno, o autor Libâneo (apud ANASTASIOU, PIMENTA, 2002, p. 206) aponta algumas ações, por parte dos docentes, que demonstram que ensinar vai além do momento de aula, sendo elas: explicitação dos objetivos; organização e seleção dos conteúdos; compreensão do nível cognitivo do aluno; definição metodológica.

Supera-se, portanto, a visão do senso comum da docência associada à aula expositiva como forma única de ensinar, visão que reforçava a ação do professor como palestrante e a do aluno como copista de conteúdo. Nesta superação, a aula – como momento e espaço privilegiado de encontro e de ações – não deve ser dada nem assistida, mas construída, feita pela ação conjunta de professores e alunos. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.207).

Segundo as autoras Pimenta e Anastasiou, o aluno necessita compreender o conteúdo para que a aprendizagem aconteça. Isto é, apreender em conjunto.

Isso exige a descoberta ou construção de uma rede de relações, de um sistema, em que cada novo conhecimento é inserido pelo aluno, ampliando ou modificando o sistema inicial, a fim de, a cada contato, alcançar melhor apreensão. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.209).

Fica claro, pelas autoras, que a aprendizagem se dá por associações de conhecimentos, sensações e situações vivenciadas por esse aluno. É o enriquecimento dessas associações que trará a absorção do conhecimento.

Para efetivar o processo de apropriação é preciso superar o aprender, que significa “tomar conhecimento de, reter na memória mediante o estudo, a observação ou a experiência”, na direção do aprender (...). (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.209).

A ação de aprender não é passiva, pois exige do aluno que ele informe-se, exercite-se, instrua-se. Dessa maneira, o termo “assistir aula” está ultrapassado, pois hoje, a aula se constrói a quatro mãos.

O desafio da aprendizagem nos dias atuais é superar esse modelo de aula, onde o professor é o centro da sala, concentrando em sua fala toda a forma de ministrar o conteúdo.

O paradigma tradicional, professor palestrante e aluno ouvinte, foi-nos ensinado pela nossa vivência de alunos, sendo, portanto, o que sabemos fazer, por experiência de hábito, em contraposição a uma crescente necessidade da construção de um paradigma, atual, em que o enfrentamento do conhecimento científico existente utilize um processo diferenciado, no qual a contestação e a parceria sejam elementos fundamentais da relação. (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.211).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática docente necessita ser revisada. Alunos e professores devem tornar-se colaboradores e, juntos, construir as aulas ideais para os novos anseios sociais.

A aprendizagem deve ser desenvolvida pelos docentes e praticada em sua essência. Somente com o entendimento deste conceito, sua aplicabilidade alcançará níveis absolutos.

A paixão deve voltar à carreira e ser o leme das atitudes e decisões dos docentes, administradores e coordenadores de ensino. É preciso ver o aluno como pessoa, como indivíduo. É preciso lidar com o ensino como semente de um bom futuro para todos.

A humanização é a chave para esta mudança.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. *Professores Reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez Editora, 2004. 102p.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. *Docência no Ensino Superior – Vol.1*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. 279p.

CASTANHEIRA, Ana Maria Porto; CERONI, Mary Rosane. *Docência Universitária: algumas reflexões sobre o desenvolvimento profissional do professor*. São Paulo: Revista Pandora Brasil n. 49, p.01-12, dez.2012.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez Editora, 2003. 408p.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman*. Educação, Santa Maria, v.29, n. n02, p.33-49, 2004.

NÓVOA, António. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. São Paulo: SINPRO, 2007. Texto da palestra proferida em outubro de 2006, disponível no site: www.sinprosp.org.br

NÓVOA, António. *Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*. Lisboa: Universidade de Lisboa, set. 2007a, disponível no site: www.eu2007.min-edu.pt

NÓVOA, António et al. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1995. 191p.